



APRESENTAÇÃO

Nuntius Antiquus v. 14, n. 2, 2018

Este novo número de *Nuntius Antiquus*, revista do Núcleo de Estudos Antigos e Medievais (NEAM) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, vem à luz num momento de nossa história em que escolhas coletivas consumadas em meio a um brutal esgarçamento do tecido social e a uma polarização política sem precedentes colocam em ambiente de expectativa e apreensão os rumos da educação e da cultura brasileiras, em especial aqueles relativos às Letras e às Ciências Humanas em que naturalmente se inscrevem os Estudos Clássicos. Os artigos que aqui se publicam serão portanto a afirmação da resiliência necessária de um conjunto de disciplinas ancestrais que, mais do que oferecerem um longínquo e dessueto refúgio ao espírito, fundam e informam o mundo que habitamos; e firmam não só uma forma de ilustração – o que em si mesmo nada tem de desprezível –, mas o espaço de um diálogo permanentemente recobrado. Que possam pois, em momentos de *crise* – palavra de origem grega, cujo sentido primeiro era justamente *ação ou faculdade de distinguir, de julgar* –, sempre nos valer os clássicos.

O presente volume se abre com um conjunto de oito textos que compõem o dossiê “Seminários do NEAM”, apontando assim para uma outra importante atividade dedicada aos estudos clássicos (antigos e medievais) no âmbito da Faculdade de Letras da UFMG. Os seminários do NEAM (Núcleo de Estudos Antigos e Medievais da FALE), iniciados no primeiro semestre de 2017 sob a coordenação do Prof. Dr. Teodoro Rennó Assunção, e que eu mesmo assumi nos semestres subsequentes com a indispensável ajuda de Rafael Guimarães Tavares da Silva, aluno da área de Literaturas Clássicas e Medievais do Programa de Pós-Graduação em Letras (Estudos Literários) da FALE, vêm se firmando como um espaço muito eficaz de debate e discussão das pesquisas docentes e

discentes implicadas no domínio dos estudos da Antiguidade Clássica e Medieval, bem como no de suas “adjacências”, isto é, na influência que a cultura clássica e medieval pode exercer sobre as tradições posteriores. Nesse sentido, caberia lembrar que a nossa revista publica sistematicamente, desde 2017, sempre no primeiro número de cada ano, um dossiê dedicado à recepção dos clássicos (que obviamente não se confunde com este dossiê que ora é dado ao público).

À parte sua relevância acadêmica mais evidente, ou antes como um de seus aspectos essenciais, os seminários do NEAM têm promovido uma salutar, porque metodologicamente controlada, “supressão de fronteiras”, e isto em mais de um nível: primeiro, a já aludida frequência, por professores e alunos, pesquisadores com maior ou menor experiência, de um mesmo espaço de discussão; ganham os dois lados que ao fim não fazem mais do que um. Depois, garante-se de forma explícita a inescapável interdisciplinaridade dos estudos clássicos, algo que a prática administrativa de nossas universidades, ainda que involuntariamente, tende a minorar através da departamentalização do conhecimento: no esforço de restituir o parentesco original entre literatura, filosofia e história – apenas para declinar os rótulos de largo espectro, decalcados dos gêneros de discurso tradicionais e reproduzidos no organograma das nossas instituições de ensino e de nossas agências de fomento à pesquisa, a que outros rótulos, mais específicos, poderiam se juntar –, os seminários do NEAM acabam por promover o trânsito entre cátedras, currículos e programas de curso, revalidando assim, de certa forma, a ideia grega antiga de escola como *skholé*, ou seja, como um tipo de ócio voltado para a reflexão pura, sem compromisso necessário e imediato com a utilidade prática, que no caso se configura como um tempo relativamente livre das obrigações didáticas mais rigidamente enquadradas, embora possa também ser contado entre elas. Enfim, trata-se também de estreitar os laços interinstitucionais, uma vez que, respeitada a disponibilidade orçamentária de cada semestre, os seminários do NEAM normalmente contam com a participação de convidados de outras instituições universitárias do Brasil e do exterior, fomentando uma colaboração cujo ganho é igualmente coletivo.

Dos oito textos reunidos neste dossiê, sete tiveram sua origem nas palestras apresentadas durante o III Seminário do NEAM, ocorrido ao longo de todo o primeiro semestre de 2018. A única exceção é a contribuição de Étienne Helmer, que consiste na reformulação de uma

conferência proferida por ocasião de uma das Jornadas do NEAM (uma outra atividade promovida pelo referido núcleo de estudos), no segundo semestre de 2017. Uma primeira versão deste texto já reformulado foi aliás apresentada em forma de comunicação no Centre Léon Robin (CNRS – Université de Paris IV, França) em 23 de novembro de 2018, como informa o próprio autor em nota.

A disposição dos textos não segue a ordem das apresentações no seminário. Optou-se, em nome de uma coerência mínima, pela ordem cronológica aproximativa dos temas tratados em cada um, os estudos gregos aparecendo então antes daqueles dedicados à cultura latina. O artigo de abertura, “O banho de Diomedes e Odisseu no fim do canto X da *Iliada* (572-577)”, de Teodoro Rennó Assunção, comenta pormenorizadamente, com especial atenção aos detalhes do texto, uma cena algo atípica deste poema homérico, que suscita ao fundo a retomada de problemas mais complexos relativos ao todo da obra, tais como sua autoria e unidade, bem como a verossimilhança das ações nela narradas. Na sequência, a já mencionada contribuição de Étienne Helmer problematiza, através do exame de passagens de obras de Platão, de Xenofonte e de Aristóteles (e também do Pseudo-Aristóteles), a relação conjugal no seio da *oikonomia* familiar e, partindo desta, no quadro mais amplo da *pólis* grega, defendendo a hipótese de que, nesse contexto, o matrimônio é o eixo que opera a mediação entre o biológico e político. O artigo seguinte, intitulado “A *arkhé* da poesia e do drama na *Poética* de Aristóteles”, de Rafael Guimarães Tavares da Silva, retoma o intrincado – e por vezes obscuro – tratado aristotélico sobre a poesia, postulando para este contexto a centralidade da ideia de *arkhé* (“origem”, “princípio”, “poder”), termo que poderia, como sustenta o autor, funcionar como chave de leitura de certas passagens da obra, inclusive em contraponto com a teoria platônica sobre o assunto. O quarto texto do dossiê, substancialmente diferente em termos de abordagem e interesses dos que o precederam, prova a diversidade temática e metodológica que caracteriza os seminários do NEAM: o artigo “Traduzir o intraduzível: o caso das partículas gregas” de Simone Bondarczuk, ancorado em teorias linguísticas e gramaticais recentes, enfrenta o delicado problema das chamadas *partículas gregas*, categoria de palavras frequentemente designadas como *marcadores discursivos* que não raro, tal como explica a autora, colocam sérias dificuldades de compreensão para os leitores e, sobretudo, para os tradutores dos textos gregos, na medida em que,

opacas de um ponto de vista meramente semântico, essas *particulas* ganham uma importância decisiva na sintaxe contextualizada de seus usos. Considerando ainda a atividade tradutória como uma das mais relevantes no âmbito dos estudos clássicos – e passando da teoria à prática – Rodolfo Pais Nunes Lopes, em sua contribuição “Tradução do Mito de Er (Platão, *República* 614b-621c)”, propõe uma versão em língua portuguesa da célebre passagem platônica, baseada na recente edição do texto grego estabelecida por S. R. Slim (Oxford, 2003), acrescida de uma série de notas que buscam explicar suas opções tradutórias. Passando em seguida aos temas latinos, o estudo de Matheus Trevizam, “Figurações poéticas da vida rural nas *Geórgicas*”, debruça-se sobre o poema virgiliano para detalhar nele os elementos que nos permitem avaliar o grau de “ficcionalização” com que o poeta descreve a vida rural e as práticas agrícolas da Roma antiga. Na sequência, Júlia Batista Castilho de Avellar assina “Intervenções ‘autorais’ e ‘editoriais’ de Ovídio nos *Tristia*: ficcionalizações da escrita e poemas perdidos”, em que o problema da ficcionalização poética retorna, desta vez num estudo que faz convergir a análise propriamente literária da obra ovidiana com elementos da filologia clássica, sugerindo que o projeto autobiográfico do poeta lança luz sobre suas remissões – de caráter metapoético – às próprias obras, notadamente àquelas incompletas (como no caso dos *Fastos*) ou supostamente perdidas (como no caso da tragédia *Medeia*). Fechando o dossiê, Heloísa Maria Moraes Moreira Penna, em “O canto de Orfeu em dísticos elegíacos: lamento e exaltação no prefácio II de *Orapto de Prosérpina*”, examina a referida obra épica de caráter mitológico do poeta de Alexandria, Cláudio Claudiano, buscando apontar, no prefácio de seu segundo livro, a engenhosa harmonia que une o padrão métrico adotado e a expressividade de seu entrecho.

A seção seguinte, “Varia”, que segue para a disposição dos artigos o mesmo princípio ordenador do dossiê, abre-se com um estudo de Fábio Paifer Cairolli, intitulado “A imitação de Ovídio e as estratégias de Marcial”, que propõe uma nova tipologia das apropriações da obra ovidiana por Marcial, diferente daquelas comumente adotadas, visando contemplar a complexidade dos procedimentos poéticos envolvidos. No texto seguinte, tratando de temática medievalista, “O espaço heterotópico da peregrinação – uma análise heterotopológica dos caminhos de Santiago”, Victor Hermann Mendes Pena mobiliza o conceito de *heterotopia*, tal como definido por Michel Foucault, para

examinar o tema da peregrinação, contextualizado pela topografia descrita no “Purgatório” de *A divina comédia* de Dante e, principalmente, pelas narrativas conectadas aos Caminhos de Santiago de Compostela, afirmando a pertinência do exame do fenômeno da peregrinação, segundo o referido conceito, para a elaboração de uma “história do espaço”. A seção “Varia”, a exemplo do dossiê “Seminários de NEAM”, encerra-se também com uma tradução: trata-se de um texto emblemático – e obviamente relevante para os estudos clássicos – de Friedrich Schlegel, “A mitologia grega (1803-1804)”, traduzido por Constantino Luz de Medeiros; segue-se à tradução o texto original em alemão.

Fechando este segundo número do v. 14 (2018) de *Nuntius Antiquus*, na seção “Recensões bibliográficas”, publicamos a resenha de Everton Grein para a edição anotada (e com um rico aparato crítico) de *Pauca de barbarismo collecta de multis*, preparada por Tommaso Mari, cuja relevância, assinala o resenhista, é dada já pelo fato de se tratar da *editio princeps* de uma vasta compilação gramatical latina datada da época carolíngia.

Olimar Flores-Júnior
Editor do presente número